

Julio Cortázar

Rayuela
O jogo do mundo

Tradução do castelhano

Alberto Simões

Prefácio

José Luís Peixoto



cavalo de ferro

Título original: Rayuela
© Heirs of JULIO CORTÁZAR, 1963
prefácio por © José Luís Peixoto, 2008

1.^a Edição, Abril de 2008
ISBN: 978-989-623-079-1

**Todos os direitos para publicação
em língua portuguesa reservados por:**

© **Cavalo de Ferro Editores, Lda.**
Rua da Prata, 208, 2.^o
1100-422 Lisboa

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida
sob qualquer forma ou por qualquer processo
sem a autorização prévia e por escrito do editor,
com excepção de excertos breves
usados para apresentação e crítica da obra.

Prefácio dispensável

2008 menos 1963 é igual a 45.

Foram necessários 45 anos para que Rayuela, de Cortázar, chegasse a ter uma edição portuguesa, esta edição. Se considerarmos que se trata do livro incontornável de um autor incontornável na literatura do século xx, é fácil constatar que 45 anos é uma espera demasiado grande. E, no entanto, esse foi o tempo necessário para que Rayuela chegasse a ser *O Jogo do Mundo*, o livro que tem neste momento em mãos. Parece-me que todas as editoras portuguesas, desde 1963 até aos nossos dias, deveriam sentir algum embaraço (pelo menos) perante este facto.

Foneticamente, Rayuela é uma palavra que rola pelo interior da boca, como um doce que se desfaz, mas é também verdade que *O Jogo do Mundo* é um bom compromisso para um título que não é fácil de traduzir em todas as suas tonalidades. De um modo literal, «rayuela» significa «jogo da macaca», esse jogo no qual se atira um seixo e se salta ao pé coxinho. Presumo que a rejeição deste título literal tenha a ver com o facto de a macaca, ela própria, não ter nenhuma ligação com a obra em questão. Já a ideia e a imagem desse jogo estão ligadas a um aspecto que talvez seja o mais referido quando se fala deste livro: a sua forma.

No seu início, o leitor encontra uma «tábua de orientação» que sinaliza dois modos de ler este texto de Cortázar. Hoje, 45 anos depois, já é possível acrescentar que, para além das possibilidades indicadas pelo autor, têm sido sugeridas várias outras. Este é um livro que, em nenhum momento, minimiza o seu leitor, facilitando-lhe o que quer que seja. Este é um livro que convoca cada leitor para dentro de si, que o solta num labirinto sem

lhe indicar a real saída, nem sequer se existe mesmo uma saída. O facto de não haver uma ordem única de leitura é um convite ao leitor intrépido para que arrisque encontrar os seus próprios caminhos nesta obra. Assim como o terá de fazer nesse jogo que, como indica o título português, é o mundo, é a vida. Isto porque é a própria vida que nos é apresentada de um lado e de outro. A vida, para a qual não existe qualquer «tábua de orientação». Não creio que esteja a revelar demasiado se disser que é também assim que Horacio Oliveira, o protagonista, sente as imagens e as ideias que flutuam diante de si, consigo. O caos em luta permanente com a ordem: vitórias para ambos os lados.

De notar que, anteriormente, quando escrevi «livro incontornável de um autor incontornável na literatura do século xx» (frase citável na contracapa), não utilizei o termo «romance». Essa omissão não foi feita por não acreditar que, entre os géneros que existem, esse não é o mais adequado para localizar esta obra, mas por me parecer que estamos em presença de um texto que ultrapassa essa caracterização, que poderia induzir a tentação de simplificar aquilo que não é simples.

Com a ajuda de alguns verbetes de enciclopédia, seria fácil concluir que se trata de um texto puramente experimentalista. Nada mais errado. Como em todos os grandes livros, existe a procura do novo, mas aquilo que se alcança não é uma imagem da própria experimentação, aquilo que se alcança é o contemporâneo que, a avaliar pelos 45 anos de vida que já tem, continua e continuará sempre a ser contemporâneo. As meditações, as discussões filosóficas e literárias, frequentes nestas páginas, são de uma actualidade feroz. Além disso, este *O Jogo do Mundo* é, também, um livro de prazeres literários tradicionais, como sejam aqueles que advêm de uma caracterização muitíssimo rica das personagens e dos lugares, de uma linguagem variada e imaginativa, com excelentes diálogos e um domínio extraordinário do simbólico e do metafórico. Mas ninguém que conheça a excelência dos contos de Cortázar se poderá surpreender com a mestria que demonstra nesta longa múltipla unidade – se me é permitido o paradoxo. Reparo agora que ainda não escrevi sufi-

cientes frases de possível citação na contracapa. Aqui deixo outra, em relação à qual não tenho quaisquer dúvidas: estamos na presença de um dos mais importantes livros escritos na segunda metade do século xx.

Na já referida «tábua de orientação», o autor sugere uma leitura que exclui um número considerável de fragmentos do livro, acrescentando: «o leitor prescindirá de ler o que se segue sem grandes remorsos». Pela minha parte, a partir do lugar onde me encontro, nunca saberia como considerar dispensável a leitura dessas páginas. Já este prefácio nunca teve a intenção de não o ser. Quem não o tiver lido, seguirá sem remorsos grandes ou pequenos por tudo o que aí vêm. Talvez este prefácio se destine àquele que está na livraria, na biblioteca e tenta decidir se, entre todos os livros, deverá ler este livro. Se for assim, a esse potencial leitor indeciso este prefácio quer dizer: sim, deve ler este livro.

Mais nada. O indispensável começa depois desta última palavra.

José Luís Peixoto

